

O mito do Príncipe Salvador na Hungria

Uma explicação possível de seus motivos

Ferenc Pál*

PUBLICAÇÃO EDIPUCRS

- IBAÑOS, Ana Maria T. (coord.). **Cadernos de Trabalho do DLE**. 1999, 140 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
 Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
 Caixa Postal 1429
 90619-900 PORTO ALEGRE - RS/BRASIL
 Fone/FAX: (051) 320.35.23
<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>
 E-mail edipucrs@music.pucrs.br

Os povos que se consideram eleitos para um fim determinado na história da humanidade ou trazem uma marca de Deus parece que precisam, numa ou outra fase difícil de sua história, contar com uma ajuda extraterrestre, vinda de forças sobre-humanas ou místicas.

Quiçá, foi este mister que criou o mito sebástico em Portugal, ou seja, o regresso do el-rei D. Sebastião, desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, para ajudar seu povo nos momentos difíceis da sua história. Este mito do Encoberto depois atravessou o Atlântico e reapareceu no Brasil, revigorando-se como uma crença popular, como podemos ver na Guerra dos Canudos. É bem sabido que o sebastianismo, tendo-se tornado um mito culto em Portugal pela obra do Padre Antônio Vieira e Fernando Pessoa, entre outros, no Brasil converteu-se numa crença popular, como se reflete na obra de Ariano Suassuna.

Repassamos brevemente esses fatos bem sabidos porque na Hungria existe um mito ou crença popular de cunho parecido: a esperança em que o príncipe huno Csaba regressaria pela Via dos Exércitos (ou seja, pela Via Láctea) se seu povo precisasse de seu apoio. Esta crença antiga se conservou em lendas populares de Transilvânia e na crônica de Simão Kézai, clérigo da corte do rei Ladislao IV (o Cuno) que por volta de 1283 compilou uma obra histórica com o título de *Gesta Hungarorum*, viva ainda hoje. Em

* Doutor, Departamento de Português, Universidade Rolando Eötvös, de Budapeste.

minha infância, naquele ambiente tradicional, meio campesino, onde me formava, ouvi evocar repetidamente esta lenda como uma consolação nos tempos duros da pós-guerra. Mas os elementos desta lenda continuam aparecendo na literatura também. Quero citar apenas os versos de Endre Ady, poeta simbolista do início do século XX, que escrevia: "Sinais vermelhos na Via dos Exércitos, / prepara-se alguma coisa na Hunnia".

A lenda sobre o Príncipe Csaba conduz-nos aos tempos posteriores à morte de Átila, rei dos hunos, que, segundo reza uma forte tradição, foram irmãos dos húngaros ou pelo menos um povo com o qual os húngaros podiam identificar-se, segundo aquelas afinidades que caracterizavam todos os povos nômades que tinham vivido nas grandes planícies a leste e oeste dos Montes Urais. Morto Átila, os príncipes alemães, que tinham medo dos hunos, semearam discórdias entre os dois filhos do rei huno, Csaba e Aladar. Este com o apoio dos alemães, aquele com o da maioria dos hunos, travavam várias batalhas. Na segunda batalha, perto de Sicambria, Csaba perdeu tantos guerreiros que teve de retirar-se, mas não queria abandonar definitivamente o país que seu pai ocupara. Por isso, perto de Csigle, localidade da atual Transilvânia, deixou três mil homens de seu povo com mulheres e filhos; ele, com seus quinze mil guerreiros, regressou à Scítia com o fim de trazer o resto do povo huno à nova pátria. Os que ficaram foram atacados duas vezes por seus inimigos. O príncipe Csaba, que ainda não estava longe, regressou e ajudou a vencer o inimigo e salvar os seus e depois seguia seu caminho para a antiga pátria e desapareceu. Passara muito tempo, já não viviam senão os filhos e netos dos guerreiros do Príncipe Csaba quando novamente foi atacado este punhado dos hunos que se chamavam já *székely*. Vinha um grande exército contra eles, e a batalha durou até a noite cerrada e já parecia que os *székely* haviam perdido quando aconteceu o milagre: pela Via Láctea do céu – que a partir deste tempo é denominada "Via dos Exércitos" em húngaro – apareceu uma grande cavalaria encabeçada pelo Príncipe Csaba que conduzia seus guerreiros fantasmas a uma nova batalha. Esta hoste, a toda a brida, destruiu o inimigo e depois, silenciosa, regressou para o céu pela Via dos Exércitos.

Comparando esta lenda com a do el-rei D. Sebastião podemos observar alguns paralelismos e, naturalmente, rasgos marcadamente diferentes. Os paralelismos – a espera da ajuda dum rei desaparecido misteriosamente etc. – não os vamos estudar agora, mas vale a pena repassar brevemente as diferenças características.

O mito sebástico nasceu numa época em que o mundo cavaleiresco ainda estava vivo. Por isso não é de estranhar que D. Sebastião foi levado pelas forças do céu para a ilha de Avalon, como o corpo do Rei Artur, e lá esperava o momento da salvação da pátria. Sendo o português um povo de navegadores e descobridores, divulgadores da fé cristã, o mar e as ilhas desempenharam um papel determinante na formação deste mito, e daí provém seu enriquecimento com o motivo do quinto império. O apodo "Encoberito" e o aparecimento misterioso do rei numa madrugada brumosa deve de ser uma influência do mundo celta que tanto se sente no pensamento português.

Entanto, o Príncipe Csaba e seus guerreiros trotam, montados em cavalos, pela Via Láctea e numa noite (supostamente) clara. Também estes motivos correspondem, como veremos, à mentalidade daquele povo, o povo huno-húngaro, que criou e recolheu a lenda do Príncipe Csaba. Frisemos, na lenda huno-húngara, os momentos determinantes: a Via Láctea, cuja percepção supõe uma noite limpa; os cavalos nos quais vêm montados os guerreiros vêm a trote, como que perseguindo ou dando caça ao inimigo. Estes motivos provêm do fato de tanto o huno como o húngaro terem sido povos nômades que viviam pastoreando os animais nas grandes planícies centro-asiáticas e da Europa Oriental onde compartilhavam com os outros povos de origem asiática as tradições, lendas de origem e conhecimentos astrológicos herdados das grandes civilizações como a da Suméria. Aliás, os povos-pastores, vivendo em grandes espaços planos, tinham mais íntima comunicação com o céu: conheciam melhor as estrelas que, por falta de outros pontos de orientação, ofereciam-lhes pontos fixos para não se perder; daí derivaram os seus mitos e muito cedo desenvolveu o monoteísmo. Segundo as investigações históricas, da arqueologia, da etnografia, da etnologia etc., podemos supor que estas grandes planícies a leste e oeste dos Urais e até o Mar Glacial no Norte e o Mar Negro e o Cáspio no Sul com os povos que viviam nelas formavam uma grande unidade civilizacional onde havia muitas coisas comuns. A primeira é o culto da rena/rangífero que depois passou a ser o do cervo e dos animais corníferos/bovídeos, dando passo lenta e tardiamente a um culto do cavalo.

Assim, não é de estranhar que o mito da origem destes povos, assim como o dos húngaros, destina um papel primordial ao cervo. O já mencionado cronista Simão Kézai assim relata a saga da procedência dos húngaros: Hunor e Magor foram os primogênitos do príncipe Menrot, nascidos de Eneh. Um dia foram à caça aos pântanos de Meotis e quando na planície apareceu uma cervo perante eles, seguiam-na. Perseguiam a cervo, mas ela subitamente desapa-

receu. À procura dela percorreram os pântanos que acharam muito apropriados para pastar rebanhos; assim, regressaram ao pai, pedindo para ir com todos os rebanhos para os pântanos de Meotis. Têm-se passado seis anos quando um dia toparam com as mulheres e crianças do filho do rei Belar, que lá estavam com todos seus apetrechos na ausência dos seus homens e levaram tudo para o seu acampamento. Entre as mulheres roubadas encontraram-se as duas filhas do príncipe alão, Dula, moças com as quais Hunor e Magor se casaram, dando origem aos hunos e húngaros.

Já se sabe, pelas investigações científicas, que a cervo que atraía os dois irmãos não é senão a sua mãe, Eneh (que e a forma de nome próprio dá 'üno', i. e., cervo em húngaro). Isso faz-nos suspeitar que os nossos antepassados acreditaram que a cervo mítica é a progenitora dos húngaros.

Esta cervo-progenitora, que traz signos celestes, como veremos, é uma representação ou símbolo daquela ordem do céu que os nossos progenitores (a par dos outros povos daquela zona com os quais, frisamos, tinham muitos momentos em comum) projetaram para a terra.

Esta saga sobre a cervo-progenitora desde os tempos primitivos representava um fenômeno celestial: tornou em ação o conjunto de algumas constelações e assim avivou uma estação, episódio importante do andamento anual do sol que servia de base para uma parte de mitos. A base desta asserção é que o deus primitivo em forma de animal é representante, direta e indiretamente, do mundo sobre-humano. E isto é uma verdade desde os tempos antiqüíssimos, remotos, quando os espíritos do culto dos progenitores passaram a viver para o céu e identificaram-se com os habitantes do mundo superior dos espíritos que tomaram a forma de corpos celestes.

Existe uma saga lapã que pode nos revelar esta identificação entre os participantes da lenda sobre a cervo e as constelações astrais. A cervo entre os lapões está representada pela Alce e formada pela tríade das constelações Cassiopéia, Perseus e Auriga. A forma 'W' da Cassiopéia corresponde aos chifres palmados; a Perseus, às duas patas dianteiras; e a Auriga, à parte de trás e às duas patas traseiras. Sob as patas dianteiras da Alce está a constelação Pléiade, que os lapões consideravam como bezerrinhas da Alce, chamadas 'Reunião das Moças ou Bezerras'. Os irmãos que deram caça à cervo são identificados com a constelação Gêmini, Gêmeas, com o nome de Homens em esquí; atrás deles, dizem, há um cão de caca, que é a constelação Canis Minor (Cão Menor). Além desses caçadores, lá está a constelação Orion, chamado Velho. Forma parte desta companhia também Favtna, deus das tormentas lapão.

em forma de urso, identificado com a constelação Bootes, seu arco é a constelação Ursa Maior que indica a Alce formada de constelações. Há algumas lendas que incluem entre os caçadores os três astros conhecidos pelo "cinto de Orion" como os filhos do Velho. Toda esta caça corre pela Via Láctea, que é um momento importantíssimo, dado que as constelações que formam Alce, Orion e Gêmini estão todas situadas na Via Láctea.



Examinando a primeira figura das constelações, o que no primeiro momento resalta aos olhos é a forma estranha como Alce aparece. Na imagens artísticas da cervas, que causaram muitas dores de cabeça aos investigadores, as cervas aparecem todas com as patas recolhidas sob o corpo (ver segunda figura). Orion e Bootes parece que mostram figuras com as mãos elevadas e a Gêmini forma um par de homens sobre esquis. Plêiades evoca a imagem de crias de um ninho ou ninhada; assim, estes astros bem podem representar as filhas/mulheres que os caçadores acharam, segundo a lenda.



É realmente surpreendente que este panorama celeste possa ser uma representação fiel da lenda da origem húngara. Em primeiro lugar, Alce atravessa a Via Láctea no lugar onde este "rio" que divide o céu é mais estreito, como vau, por onde, segundo a lenda, os dois irmãos entraram na zona dos pântanos de Meotis seguindo a cervas. Em segundo lugar, são dois os irmãos que perseguem a cervas celeste que os conduz até suas futuras esposas que são as Plêiades. As sete estrelas da Plêiades são as duas noras do rei Belar e filhas de Dula. Como vimos, os caçadores também são sete originalmente. Na lenda húngara, os que excedem os dois

progenitores dos hunos e húngaros, Hunor e Magor, são os componentes do seu séquito, do qual encontramos uma clara menção na lenda.

Na época da formação desta lenda, a sociedade húngara não fora marcadamente matriarcal; assim, de uma forma ou outra devia aparecer também a figura do pai dos dois irmãos, chamado Menrot. Sabemos da crônica do mencionado Simão Kézai que os húngaros foram descendentes do filho de Noé, Jafet, porque o gigante Menrot é filho de Thana, do sangue de Jafet. Este Menrot corresponde a Nemrod, que foi "Caçador intrépido diante do Senhor" e que os astrólogos da Babilônia identificaram com Orion. Orion originalmente fora também um deus da caça; com relação a ela relata um mito que Ártemis, a deusa que tinha como *epitheton ornans* "elafios" ('cerva'), o mandou matar porque queria namorar as suas acompanhantes, as pleias, sete filhas de Atlas e Pleione, as quais Zeus colocou, depois de mortas, no céu.

Orion teve esta importância especial porque estava colocada numa tripla encruzilhada celestial. Passa por ela a Via Láctea, a eclíptica e o equador (de vez em quando). Dado que seu lugar variava no céu, o antigo cervo caçado e condenado à morte passou a ser caçador de cervo, triunfante, identificado com o Deus Sol.

Como já mencionamos, os entes celestes eram em parte os progenitores, os espíritos dos avoengos que passaram a viver nos céus. Este fato de eles subirem para os céus supunha alguma comunicação entre a terra e os céus. Esta comunicação representa a "árvore do mundo". Este conceito da "árvore do mundo" é, segundo algumas explicações falsas, o símbolo do eixo do mundo. Na realidade, parece que esta "árvore do mundo" é uma via de comunicação entre o céu e a terra, e sua imagem no céu é a Via Láctea. É interessante mencionar que os povos finicos acreditaram que a Via Láctea foi no início dos tempos a "árvore do mundo". Existe um conto do Cáucaso no qual o herói sobe para os céus pela ramagem do chifre de uma cervas.

Antes já mencionamos que entre os povos nômades das grandes planícies o cavalo paulatinamente ocupou o lugar do cervo na mitologia. Esta transformação foi lenta, o que indica bem por que os scitas muitas vezes enterravam seus cavalos em máscaras de cervo, supostamente lembrando aqueles tempos quando ainda cavalgavam rangíferos. Este disfarce, aliás, queria dizer que o cavalo "simples" na morte se transformará, santificando-se, em rena. É testemunha desta era, quando o cervo já ia passando a animal totemístico e o cavalo ocupou seu lugar, o nome escandinavo da "árvore do mundo": *Yggdrasil*, o que quer dizer *Ygg*, ou seja, cavalo do Odin (deus do céu dos germânicos do norte).

Ao registrar este câmbio de cervo para cavalo já podemos voltar à lenda do Príncipe Csaba, tendo demonstrado que esta reflete aqueles mitos que o povo huno e húngaro tinham. Tendo saído da lenda da origem dos huno-húngaros na qual os antecessores destes povos, Hunor e Magor, perseguiram a trote a cerva que corria pela Via Láctea, que resultou ser a “árvore do mundo”, ou seja, a via de comunicação entre o mundo inferior e o superior, nada parecia mais natural que as hostes salvadoras dos espíritos dos avoengos viessem galopando por essa Via dos Exércitos a afugentar os inimigos do seu povo.

Dessa forma, a lenda do Príncipe Csaba, o salvador, significa um elo entre a realidade e as tradições do povo húngaro, mostrando aqueles contatos que o ligam com os hunos que, se não pelo sangue, mas pelas tradições comuns sim são seus parentes, como pelas tradições e pela mentalidade comuns o são todos os povos cujo berço foi a Ásia Central que, expulsando povos em várias vagas sucessivas, lançou os alicerces da cultura européia.